

A influência dos conhecimentos sobre o acento fonológico na acentuação gráfica

The influence of assignment stress knowledge on graphic accentuation

Taíse Simioni*
Flávia Azambuja Alves**

RESUMO: Esta pesquisa parte do princípio de que as regras de acentuação gráfica de grande maioria das palavras em português segue uma lógica simples: palavras com acento fonológico não marcado não recebem acento gráfico, enquanto palavras com acento fonológico marcado são graficamente acentuadas (COLLISCHONN, 2005). Este trabalho, então, visa a comparar os resultados apresentados em oficinas com metodologias distintas para o ensino da acentuação gráfica. A primeira baseou-se nas regras apresentadas em gramáticas normativas. Já a segunda mostra a mencionada lógica por trás da acentuação gráfica. Participaram das oficinas alunos de duas turmas de Ensino Médio. Estes deveriam acentuar pseudopalavras ao início e ao final de cada oficina. Foi realizada uma comparação individual, em que foram comparados os resultados de cada aluno ao início e ao final das oficinas, e uma comparação global com cada turma, ao início e ao final das oficinas. Houve uma melhora, não tão significativa quanto esperávamos, na oficina que mostra a lógica por trás da acentuação gráfica. Com este trabalho, ressaltamos a importância de se pensar em novas metodologias, que mostrem a lógica por trás de aspectos gramaticais e desvelem regras arbitrárias que não fazem sentido, restando aos alunos apenas as decorarem.

PALAVRAS-CHAVE: Acento gráfico. Acento fonológico. Gramática normativa.

ABSTRACT: This research starts from the principle that the graphic accentuation rules, in most part of the Portuguese words, follow a simple logic: words with unmarked stress do not receive the graphic accent, inasmuch as words with marked stress are graphically accented (COLLISCHONN, 2005). This work aims to compare the presented results applied in workshops using distinct methodologies linked to the graphic accentuation teaching. The first one was based on rules that are presented in prescriptive grammars. The second one shows the previously mentioned logic relevant to graphic accentuation. Students from two high school classes participated in these workshops. They had to mark the graphic accent on nonsense words at the beginning and at the end of each workshop. Individual comparison was realized, in which were compared the results from each student, at the beginning and at the end of the workshops as well as a global comparison from each class at the beginning and at the workshops' end. An improvement was observed, maybe not as significant as we expected, in the workshop that used the graphic accentuation logic. With this work, we emphasize the importance in thinking about new methodologies, which show the logic behind the grammar aspects and demystify the arbitrary rules that don't make sense, only leaving the students to memorize them.

KEYWORDS: Graphic accent. Stress. Prescriptive grammar

* Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa (Campus Bagé).

** Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Pampa (Campus Bagé).

1. Introdução

Essa pesquisa visa a evidenciar como conhecimentos sobre a atribuição do acento fonológico em Português Brasileiro (PB) podem ser úteis para refletirmos sobre a acentuação gráfica nesta língua. Além disso, visa a verificar se a metodologia que explica a lógica por trás da acentuação gráfica, utilizada em uma oficina feita com alunos do Ensino Médio, consegue obter mais sucesso nos processos de ensino e aprendizagem de acentuação gráfica do que decorar regras que parecem ser absolutamente arbitrárias.

Por se tratar de uma pesquisa em que comparamos dados coletados no início e ao final de uma oficina sobre a relação entre o acento fonológico e o gráfico, a expectativa era a de que houvesse uma melhora no desempenho dos alunos. Por meio de uma comparação entre os resultados obtidos nesta oficina e aqueles levantados em uma oficina de gramática normativa, esperou-se uma melhora mais significativa na oficina com o que estamos aqui chamando de “nova metodologia”.

A relevância da pesquisa se dá na medida em que pode contribuir para o ensino, divulgando esse conhecimento a professores que poderão facilmente aplicar a metodologia com seus alunos.

2. A relação entre o acento gráfico e o acento fonológico

Em PB, o acento pode recair sobre qualquer uma das três últimas sílabas. Isso significa que a acentuação se dá da direita para a esquerda. O acento mais comum no português recai sobre a penúltima sílaba, ou seja, predominam as palavras paroxítonas, que são preferidas ao terminar em vogal; quando as palavras são terminadas em consoante, tem-se preferência por oxítonas (COLLISCHONN, 2005).

Para discutirmos como se dá a relação entre os acentos, gráfico e fonológico, é necessário que definamos do que se trata tanto o acento gráfico quanto o acento fonológico. Acento gráfico é o sinal gráfico que marca a sílaba tônica de algumas palavras. Já o acento fonológico relaciona-se com a sílaba percebida como a mais “forte” das palavras¹. Quase todas as palavras possuem acento fonológico. No entanto, algumas palavras não o possuem, como, por exemplo, os artigos (“o”, “as”), alguns pronomes (“me”, “te”, “se”) e algumas preposições

¹ Odden (2005, p. 23) esclarece que o acento envolve os seguintes aspectos: amplitude, pitch, duração e qualidade da vogal.

(“de”, “por”)². Como podemos observar, tais palavras não apresentam acento gráfico, portanto podemos concluir que nenhuma palavra sem acento fonológico receberá acento gráfico. O contrário não é verdadeiro, nem todas as palavras que tenham acento fonológico terão acento gráfico (SIMIONI, 2013).

Para que entendamos a relação entre os acentos, um conceito é essencial: o de marcação. Como esclarece Trask (2011, p. 187), “em termos gerais, é *marcada* qualquer forma linguística que é – sob qualquer ponto de vista – menos usual ou menos neutra do que alguma outra forma, a forma *não marcada*”. Kager (1999, p. 3) explicita que a marcação é um conceito relativo por natureza, no sentido de que só é possível determinar que uma estrutura é marcada na comparação com outras estruturas, ou seja, uma estrutura não é marcada por si só, mas apenas na relação que estabelece com outras estruturas.

É a partir desta noção de marcação que analisaremos os padrões acentuais do PB. Como explica Collischonn (2005), há uma preferência pelo acento na penúltima sílaba quando as palavras terminam em vogal, como em *mesa* e *caneta*. Já no caso de palavras terminadas em consoante, há uma preferência pelo acento recair na última sílaba, como em *colar* e *amor*. Collischonn esclarece que isto ocorre porque uma sílaba terminada em consoante é, em termos métricos, pesada, de maneira que há uma tendência de esta sílaba atrair o acento³. Assim, temos os dois casos de acentos não marcados em português: paroxítonas terminadas em vogal e oxítonas terminadas em consoante.

Os outros padrões acentuais são, portanto, marcados: proparoxítonas (*árvore*), paroxítonas terminadas em consoante (*dólar*) e oxítonas terminadas em vogal (*sofá*). Quanto às proparoxítonas, como destacam Collischonn (2005) e Bonilha (2004), a pronúncia auxilia a evidenciar essa marcação, já que em algumas vezes tais palavras sofrem uma redução, por exemplo, “árvore” ~ “arvri” ou “abóbora” ~ “abobra”. Assim, tais palavras passam de um acento marcado (proparoxítonas) para um acento não-marcado (paroxítonas terminadas em vogal). O mesmo ocorre com algumas paroxítonas terminadas em consoante que podem ser realizadas como paroxítonas terminadas em vogal: “jovem” ~ “jovi” ou “repórter” ~ “reporti”.

Para a discussão a ser feita neste trabalho estas noções sobre a atribuição do acento em PB são suficientes. Não nos deteremos, portanto, no detalhamento de diferentes análises sobre

² Trata-se dos clíticos. Para mais informações sobre os clíticos, sugerimos a leitura de Bisol (2000, 2005) e Simioni (2008).

³ Para uma análise da estrutura da sílaba a partir de uma perspectiva moraic, sugerimos a leitura de Hayes (1989).

o assunto encontradas na literatura. Aos leitores interessados, sugerimos a leitura de Bisol (1992, 1994), Lee (1994), Bonilha (2004), Collischonn (2005), Araújo (2007) e Magalhães (2010).

Esse conceito de acento marcado e acento não marcado é fundamental para entendermos o acento gráfico, pois palavras com acento fonológico não marcado não receberão acento gráfico. Por sua vez, palavras com acento fonológico marcado receberão acento gráfico (COLLISCHONN, 2005). Portanto, de maneira geral, é possível reduzir as regras de acentuação gráfica ensinadas na escola a apenas duas: 1. não acentuaremos graficamente paroxítonas terminadas em vogal e oxítonas terminadas em consoante; 2. acentuaremos graficamente paroxítonas terminadas em consoante, oxítonas terminadas em vogal e proparoxítonas (SIMIONI, 2013).

O Quadro 1 estabelece uma comparação entre as desnecessariamente complicadas regras da gramática normativa e as regras mostradas acima.

Quadro 1 - Comparação entre as regras normativas de acentuação gráfica e aquelas que consideram a relação entre acento fonológico e gráfico

Regras de acentuação gráfica de gramáticas normativas	Regras que consideram a relação entre acento fonológico e gráfico
São acentuadas as oxítonas terminadas em -o, -a, -e seguidos ou não de -s.	São acentuadas as oxítonas terminadas em vogal.
São acentuadas as paroxítonas terminadas em -l, -n, -r, -x, -i, -is, -us, -ã, -ãs, -ão, -ãos, -um, -uns, -ps e ditongos.	São acentuadas as paroxítonas terminadas em consoante ⁴ .
São acentuadas todas as proparoxítonas.	São acentuadas todas as proparoxítonas.

Existem algumas particularidades que não se enquadram nas regras que estamos defendendo. São elas que veremos a seguir. Quanto às palavras terminadas em *-em*, *-ens*, *-es*, seria esperado que fossem oxítonas por terminarem em consoante e não deveriam, portanto, ter acento gráfico, entretanto a lógica se inverte e essas palavras receberão acento gráfico quando oxítonas e não o receberão quando paroxítonas. As palavras terminadas em “i” e “u” apresentam acento fonológico não marcado se forem paroxítonas, portanto não deveriam receber acento

⁴ No que diz respeito às palavras terminadas em ditongo decrescente, como *verão* e *degrau*, destaca-se o comportamento dos glides como consoantes.

gráfico, mas novamente a lógica se inverte e paroxítonas terminadas em “i” e “u” receberão acento gráfico, enquanto oxítonas terminadas em “i” e “u” não o receberão (SIMIONI, 2013).

O Quadro 2 traz uma sistematização adaptada de Simioni (2013, p. 113-114) sobre as relações entre o acento fonológico e o acento gráfico. Tal quadro dá conta da acentuação gráfica de uma grande parcela das palavras em PB⁵.

Quadro 2 – Relações entre o acento fonológico e o acento gráfico

ACENTO FONOLÓGICO NÃO MARCADO				
	Presença de acento gráfico	Exemplos	Há exceções (com relação ao acento gráfico)?	Exemplos de exceções
Paroxítonas terminadas em vogal	Não	<i>casa, parede</i>	Sim (palavras terminadas em -i e -u)	<i>cáqui, táxi</i>
Oxítonas terminadas em consoante	Não	<i>pomar, funil</i>	Sim (palavras terminadas em -em, -ens e -es)	<i>refém, parabéns, português</i>
ACENTO FONOLÓGICO MARCADO				
	Presença de acento gráfico	Exemplos	Há exceções (com relação ao acento gráfico)?	Exemplos de exceções
Paroxítonas terminadas em consoante	Sim	<i>açúcar, fácil</i>	Sim (palavras terminadas em -em, -ens e -es)	<i>homem, hifens, ourives</i>
Oxítonas terminadas em vogal	Sim	<i>café, robô</i>	Sim (palavras terminadas em -i e -u)	<i>Saci, urubu</i>
Proparoxítonas	Sim	<i>árvore, pássaro</i>	Não	

3. Metodologia

A pesquisa foi realizada com alunos do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Bagé (RS). No entanto, é importante salientar que a ideia desta pesquisa surgiu em um minicurso ofertado para alunos do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Campus Bagé. Os dados desse minicurso serão apresentados como ilustrativos do trabalho. Todavia, os dados que serão de fato analisados foram os gerados pelos

⁵ Não são incluídos em nossa análise, por exemplo, os monossílabos e as palavras em que *i* e *u* são tônicos e estão em hiato com uma vogal precedente.

alunos do Ensino Médio. Optamos por analisar com maior profundidade as turmas do Ensino Médio, pois poderíamos comparar duas oficinas que foram ministradas, uma voltada para as regras da gramática normativa e outra voltada para uma nova metodologia baseada na relação entre o acento fonológico e o acento gráfico.

O grupo analisado é composto por alunos de duas turmas de segundo ano do Ensino Médio de uma escola pública da periferia de Bagé. Em uma turma, a oficina expôs as regras de acentuação gráfica a partir da perspectiva da gramática tradicional. Na outra turma, a oficina tinha por objetivo levar os alunos a compreenderem as relações acima mostradas entre o acento fonológico e o acento gráfico. Na primeira oficina começamos pela acentuação de pseudopalavras. Logo após a acentuação, perguntamos aos alunos o que lembravam sobre acentuação gráfica. Em seguida mostramos as regras apresentadas em uma gramática normativa conhecida (CEREJA; MAGALHÃES, 2009), as explicamos e pedimos que acentuassem as pseudopalavras novamente. A segunda oficina, assim como a primeira, começou pela acentuação de pseudopalavras. Também houve a conversa sobre o que lembravam a respeito de acentuação, assim como foram apresentadas as regras. A diferença foi a apresentação da relação entre o acento gráfico e o acento fonológico. Foi apresentado o conceito de acento fonológico e por sua vez o acento fonológico marcado e o não-marcado e qual a relação entre os acentos, fonológico e gráfico. Por fim, os alunos acentuaram novamente as pseudopalavras. Cada oficina contou com 11 participantes.

Foi solicitado, como mencionado anteriormente, a estas turmas que, em momentos distintos, um ao início e outro ao término da oficina, acentuassem algumas pseudopalavras (*andrótilla, concárdida, larfe, conuti, litócir, tomimbo, sápil, pordil, docar, mabô, pomaré, vorem, noci e panvonês*). Trata-se de palavras inventadas, que foram especificamente elaboradas para a presente pesquisa e respeitam a estrutura do PB, no que diz respeito a aspectos segmentais e prosódicos. Estas palavras foram apresentadas aos alunos por escrito. Em cada uma, o acento gráfico foi omitido e a sílaba tônica estava sublinhada. A tarefa dos alunos, então, era verificar se aquelas palavras possuíam ou não acento gráfico. Nos dois momentos do teste, foram apresentadas as mesmas palavras. Cabe ressaltar que a escolha por pseudopalavras se deu porque precisávamos verificar em que medida os alunos conseguiam aplicar as regras que lhes haviam sido expostas. Com palavras reais, esta medição seria prejudicada tendo em vista que os alunos poderiam estar mostrando apenas a grafia memorizada das palavras, e não a aplicação de regras.

A partir dos dois testes, aquele aplicado logo no início da oficina e o outro feito ao seu final, observaremos se houve um aumento no número de acertos no segundo teste, de maneira global, ou seja, de todo o grupo. Também compararemos os testes individualmente para verificar se houve um aumento de acertos no segundo teste de cada participante. A comparação também se dará entre as oficinas, ou seja, verificaremos se houve um aumento maior de acertos na nova metodologia do que o aumento observado na oficina das regras gramaticais. Nossa expectativa inicial era a de que, em ambas as oficinas, houvesse um aumento de acertos na acentuação gráfica entre o primeiro e o segundo teste, mas que, com a nova metodologia, tal aumento seria maior do que aquele observado na oficina que apresentava as regras normativas de acentuação.

A análise quantitativa será feita a partir da comparação entre as porcentagens de acertos obtidas nos testes. A fim de verificar se as diferenças de porcentagens a que chegarmos são significativas, aplicaremos o teste normal padrão para comparação de proporções. Tal teste verifica duas hipóteses: a de que duas proporções são iguais (a hipótese nula) e a de que duas proporções são diferentes. Levando em consideração um nível de significância de 5%, um resultado de Z entre -1,96 e 1,96 aponta para a confirmação da hipótese nula. Resultados de Z fora deste intervalo levam a rejeitar a hipótese nula e, por consequência, a aceitar a hipótese de que as duas proporções são diferentes.

4. Resultados e análises

O minicurso mencionado anteriormente, em que foi exposta a relação entre o acento fonológico e o acento gráfico, contou com treze acadêmicos do Curso de Letras que acentuaram quatorze pseudopalavras, o que gerou um total de 182 dados em cada teste. Dos 182 dados coletados no primeiro teste, houve 123 acertos. Já no segundo teste houve 148 acertos, ou seja, houve um aumento de 25 acertos. Aplicando o teste normal padrão para comparação das proporções, constatamos que, com um nível de significância de 5%, há evidências de que a proporção de acertos no primeiro teste (67,58%) é estatisticamente diferente da proporção de acertos no segundo teste (81,31%), ou seja, a diferença entre os resultados é significativa ($Z = -3,00$). Isto nos deu indícios para crer que essa metodologia ajuda a compreender a acentuação gráfica. Além disso, dos treze participantes, dez tiveram um aumento no número de acertos na aplicação do segundo teste (L. L., K. M., K. L., E. B., L. N., L. S., L. D., F. M., P. S. e L. F.). O participante D. G. manteve o mesmo número de acertos, no entanto ele havia acertado um

número alto já no primeiro teste, treze acertos, e os manteve no segundo. Dois participantes tiveram uma redução no número de acertos. P. L. teve treze acertos no primeiro teste e onze no segundo. E o participante G. K. teve nove acertos no primeiro teste e oito no segundo. O Quadro 3 apresenta os resultados individuais.

Quadro 3 – Resultados individuais do minicurso aplicado aos alunos do Curso de Letras

	Número de acertos no 1º teste	Número de acertos no 2º teste
L. L.	8/14	13/14
K. M.	7/14	12/14
K. L.	7/14	12/14
E. B.	9/14	13/14
L. N.	10/14	12/14
L. S.	10/14	12/14
L.D.	8/14	10/14
F. M.	11/14	12/14
P. S.	11/14	12/14
L. E.	7/14	8/14
D. G.	13/14	13/14
P. L.	13/14	11/14
G. K.	9/14	8/14
Total	123/182	148/182

Como já foi mencionado anteriormente, dez participantes tiveram um aumento no número de acertos no segundo teste, ou seja, acertaram a acentuação gráfica de mais palavras após o minicurso. Desses dez, alguns tiveram um aumento de um acerto ou dois. Entretanto, três participantes tiveram um aumento de cinco acertos, um aumento significativo comprovado pela aplicação do teste normal padrão para comparação das proporções ($Z = -2,18$ para L. L.; $Z = -2,02$ para K. M. e K. L.). Tais resultados nos motivaram a idealizar um teste em que pudéssemos controlar se o aumento no número de acertos se deve à metodologia empregada ou

ao fato de a questão da acentuação gráfica ser discutida imediatamente antes da realização do segundo teste, de maneira que as regras estão facilmente acessíveis à memória.

Foi assim que aplicamos os testes com os alunos do Ensino Médio. As duas oficinas, tanto a das regras da gramática normativa quanto a da relação entre o acento gráfico e o acento fonológico, tiveram onze participantes cada, como foi mencionado anteriormente. Cada participante acentuou quatorze pseudopalavras em cada teste, totalizando 154 dados em cada um. Abaixo trazemos a Tabela 1, que ilustra os resultados obtidos na oficina de gramática tradicional.

Tabela 1 – Resultados individuais da oficina de gramática tradicional feita com os alunos de Ensino Médio

	Número de acertos no 1º teste	Número de acertos no 2º teste
Aluno A	6/14	10/14
Aluno B	7/14	10/14
Aluno C	7/14	9/14
Aluno D	6/14	8/14
Aluno E	8/14	9/14
Aluno F	10/14	10/14
Aluno G	11/14	7/14
Aluno H	9/14	5/14
Aluno I	10/14	8/14
Aluno J	10/14	9/14
Aluno K	4/14	3/14
Total	88/154	88/154

É possível observar que, dos 11 alunos que participaram da oficina, cinco apresentaram um aumento no número de acertos (alunos A, B, C, D e E); um manteve o mesmo número (aluno F); e outros cinco reduziram o número de acertos (alunos G, H, I, J e K).

A Tabela 2 apresenta os resultados obtidos na oficina em que foi explicitada a relação entre o acento fonológico e o acento gráfico.

Tabela 2 - Resultados individuais da oficina sobre a relação entre o acento fonológico e o acento gráfico feita com os alunos de Ensino Médio

	Número de acertos no 1º teste	Número de acertos no 2º teste
Aluno L	6/14	12/14
Aluno M	7/14	11/14
Aluno N	6/14	9/14
Aluno O	2/14	5/14
Aluno P	9/14	11/14
Aluno Q	8/14	8/14
Aluno R	8/14	8/14
Aluno S	9/14	7/14
Aluno T	11/14	10/14
Aluno U	9/14	8/14
Aluno V	8/14	7/14
Total:	83/152	96/152

Dos onze alunos que participaram desta oficina, também cinco apresentaram um aumento no número de acertos (alunos L, M, N, O e P); dois mantiveram o mesmo número (alunos Q e R); e quatro tiveram uma redução no número de acertos (alunos S, T, U e V).

A primeira turma, em que trabalhamos com as regras da gramática normativa, obteve 88 acertos em ambos os testes. A segunda turma, em que trabalhamos com a oficina que relacionava acentuação gráfica à fonológica, obteve 83 acertos no primeiro teste e 96 acertos no segundo. Isso significa que, de forma global, somente a segunda oficina obteve um aumento no número de acertos entre o primeiro e o segundo teste. Entretanto, o teste normal padrão para comparação das proporções nos mostrou que não há uma diferença significativa entre os resultados dos testes ($Z = -1,51$).

Embora o resultado global pareça apontar para a igualdade de resultados entre as duas oficinas, se olharmos para os resultados individuais, encontraremos um dado relevante. Como mostramos acima, o mesmo número de alunos obteve um aumento de acertos no segundo teste, cinco alunos em cada oficina. Se atentarmos para as proporções de aumento, entretanto, verificaremos uma diferença importante entre os cinco alunos de cada grupo. Entre os alunos da primeira oficina que tiveram um aumento no número de acertos (alunos A, B, C, D e E), a

diferença entre o primeiro resultado e o segundo se mostra estatisticamente igual, segundo o teste normal padrão para comparação das proporções. Já no que diz respeito aos alunos da segunda oficina, há uma diferença significativa entre o número de acertos apresentado no primeiro teste e aquele mostrado no segundo para o aluno L ($Z = -2,36$).

5. Considerações finais

Embora os resultados a que chegamos tenham sido mais modestos do que esperávamos, acreditamos que a divulgação desta pesquisa cumpra uma importante função: chamar atenção para o fato de que a maneira como a gramática tradicional expõe as regras de acentuação gráfica oculta a lógica evidente que há por trás de tais regras. Seguimos acreditando que, ao contrário de memorizar regras sem sentido, desvendar esta lógica junto com os alunos conduz a um aprendizado significativo, uma vez que leva professores e alunos a perceberem como a língua funciona.

Os resultados mostram que, para 21 dos 22 alunos que participaram da pesquisa, parece não haver diferenças entre as duas perspectivas a partir das quais as regras de acentuação gráfica podem ser apresentadas. Houve, entretanto, um aluno que mostrou uma significativa diferença entre o primeiro e o segundo teste, e este aluno participou da oficina que apresentou as relações entre o acento fonológico e o acento gráfico. Este aluno nos faz acreditar que a nova metodologia que propomos aqui pode e deve seguir sendo testada a fim de que possamos continuar avaliando sua validade. Neste sentido, esperamos ter instigado os professores que atuam na rede básica de ensino a experimentar esta abordagem com seus alunos.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, G. A. de (org.) **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola, 2007.

BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 22, p. 69-80, 1992.

BISOL, L. O acento e o pé binário. **Letras de Hoje**, v. 29, n. 4, p. 25-36, 1994.

BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 5-30, 2000. **crossref** <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.9.1.5-30>

BISOL, L. O clítico e seu hospedeiro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 163-184, 2005.

BONILHA, G. F. G. A influência da qualidade da vogal na determinação do peso silábico e formação dos pés: o acento primário do português. **Organon**, v.18, p. 41-56, 2004.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagens**, 6º ano / – 5. ed. refor. – São Paulo: Atual, 2009.

COLLISCHONN, G. O acento em português. In: BISOL, Leda (org.). **Introdução à estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p.135-169.

HAYES, B. Compensatory lengthening in moraic phonology. **Linguistic Inquiry**, v. 20, n. 2, p. 253-306, 1989.

KAGER, R. **Optimality theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511812408>

LEE, S. H. A regra do acento do português: outra alternativa. **Letras de Hoje**, v. 29, n. 4, p. 37-42, 1994.

MAGALHÃES, J. S. de. Acento. In: BISOL, L.; SCHWINDT, L. C. (orgs.) **Teoria da Otimidade: fonologia**. Campinas: Pontes, 2010. p. 93-134.

ODDEN, D. **Introducing Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511808869>

SIMIONI, T. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em português brasileiro. **Alfa**, v. 52, n. 2, p. 431-446, 2008.

SIMIONI, T. O acento gráfico em português e sua relação com o acento fonológico. GIOVANI, F.; ALVAREZ, I. M. J. (orgs). **Embates dialógicos na formação inicial e continuada**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013. p.105-115.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Traduzido por Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2011. Tradução de: Key concepts in language and linguistics.

Artigo recebido em: 19.02.2015

Artigo aprovado em: 22.05.2015